



DISCIPLINA - LITERATURA

QUESTÃO 1

A) (10 PONTOS)

No conto “Os desastres de Sofia”, de Clarice Lispector, o enredo se desenvolve em torno de uma problemática relação entre as personagens professor e aluna/narradora. O desastroso embate vivido por essas personagens abre-se ao diálogo com a tradição: o conto de fadas *Chapeuzinho vermelho*, de Charles Perrault (1697), é relido na tessitura tensa da autora, que com maestria escava as camadas profundas do ser. O candidato deve apontar que, nessa revisita intertextual, observa-se uma alteração dos papéis. De modo explícito, Sofia, personagem narradora, de nome cujo significado apresenta correspondência com a ideia de sabedoria e santidade, assume o papel do lobo trazendo para si as conotações adquiridas pelo animal no imaginário dos contos de fada: dissimulação, perversidade, malícia e sedução (“eu estava sendo a prostituta e ele o santo”). É Sofia quem tem as “garras” e arranca de sua vítima (o professor) a “flecha farpada”.

No entanto, de modo latente a personagem professor também assume os sentidos metafóricos ligados ao animal selvagem, revelando o seu lado obscuro e distante, qual seja os seus desejos inconfessáveis, irreprimíveis e incompreensíveis. Ou seja, o lobo também pode ser o professor, já que ninguém é vítima e predador o tempo todo. Isso é perceptível quando pela primeira vez o professor a encara e indaga sobre o “tesouro escondido” de sua composição, deixando a menina desconcertada a ponto de sentir náuseas.

Para obter a totalidade da nota, é preciso que a resposta demonstre domínio da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa e dos mecanismos linguísticos necessários para a construção de uma argumentação coerente e coesa.

B) (10 PONTOS)

Clarice Lispector subverte a concepção de infância feminina predominante no contexto da produção do conto utilizando, sobretudo, dois modos de transgressão ligados aos valores da sociedade patriarcal e conservadora: 1º) Sofia exerce com o seu atípico comportamento violação da domesticação civilizadora da infância que impõe, especialmente às meninas, uma pedagogia moralizante que aponta para o papel manso, flexível e de submissão da mulher à figura masculina, assim como para uma mentalidade que busca a renúncia do prazer e do desejo. Sofia, em vez de assumir a conduta da menina que propaga a imagem infantil da virtude e da docilidade, na revelação de sua face selvagem, corrompe os valores machistas. Sofia também demonstra comportamentos impróprios quando irrita o inofensivo professor à deriva dos desejos da menina que fala alto, mexe com os colegas e interrompe a lição com piadinhas. Ademais se apresenta de forma sedutora e erótica, pois não tira o olhar de seu professor, a ponto de fazê-lo desviar e começar a gaguejar; 2º) Sofia no papel de escritora subverte a relação de poder: por um momento, o professor é transformado em aluno e a menina Sofia em detentora do saber. Na epifania de ser escritora, Sofia sai do seu papel de aluna, como mera receptora do conhecimento e torna-se autora. De certa maneira ela ensina o seu professor quando, na sua composição, aprende a fazer a “moral da história” de uma maneira que não seja tão óbvia quanto à estória que ele havia contado para a classe. Para obter a



totalidade da nota, é preciso que a resposta demonstre domínio da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa e dos mecanismos linguísticos necessários para a construção de uma argumentação coerente e coesa.

QUESTÃO 2

A) (12 PONTOS)

É importante o candidato apontar que o autor Cristovão Tezza, ao optar pela voz em terceira pessoa para compor *O filho eterno*, deixa claro o distanciamento da obra em relação ao estilo confessional, intimista. Ao analisar os Textos 1 e 2, o candidato deverá observar que neles o narrador assume uma posição exterior aos fatos, o que confere ao texto um caráter objetivo e impessoal (por exemplo, em momentos como; “Quem precisa de normalidade é o pai, não os filhos” e “[...] o pai terá de obrigá-lo a assistir algo novo, junto com ele até o fim”), e assim o afasta da subjetividade que caracteriza a narrativa autobiográfica. Deste modo, no discurso do romance, o pai não se confunde com o autor, mesmo que haja várias similaridades entre ambos. Para obter a totalidade da nota, é preciso que a resposta demonstre domínio da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa e dos mecanismos linguísticos necessários para a construção de uma argumentação coerente e coesa.

B) (8 PONTOS)

O candidato deve ser capaz de apontar **uma situação** (dentre várias possíveis) do enredo em que o pai, apesar de não concordar com os estereótipos sociais vigentes, aceita-os como normalidade, imprimindo uma naturalidade comum às atitudes de outros pais e filhos. Exemplos dessa situação seriam o pai conduzir o filho às práticas esportivas de natação, seu esforço para que o filho tenha coordenação motora e padrão de fala como as demais crianças ou o seu desejo de ver o filho estudar em escolas convencionais, juntamente com a irmã. Nesse momento, ele age aceitando o padrão social de normalidade e busca encaixar o filho na sociedade. O candidato também deve elencar **uma situação** em que o pai questiona os estereótipos da normalidade vigente, como por exemplo, não aceitar os rituais típicos do nascimento de um filho, se culpar por aceitar seguir uma carreira estável de professor universitário ou se angustiar ao ver que o filho é incapaz de compreender a abstração de uma disputa de natação, e mesmo chegando em quarto lugar, sentir-se campeão e ser aplaudido como tal. Nestes pontos (como em diversos outros), o personagem questiona o estereótipo social: “Talvez seja apenas o pai que se irrita com aquele espetáculo ao avesso...” Para obter a totalidade da nota, é preciso que a resposta demonstre domínio da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa e dos mecanismos linguísticos necessários para a construção de uma argumentação coerente e coesa.



QUESTÃO 3

A) (12 PONTOS)

O candidato precisa apontar que o autor João Cabral de Melo Neto optou por dialogar com o gênero intitulado “auto”, que é uma composição teatral de origem medieval, com linguagem simples e intenção moralizadora, religiosa e burlesca, para a criação do texto *Morte e vida Severina*; daí o subtítulo “auto de natal pernambucano”. Também se espera que o candidato aponte que, na cena final da obra, o presépio cristão é ressignificado mostrando as semelhanças entre o nascimento de Jesus e o de uma criança nordestina, afirmando a valorização da vida, mesmo que esta seja pequena, franzina, uma vida severina. Para obter a totalidade da nota, é preciso que a resposta demonstre domínio da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa e dos mecanismos linguísticos necessários para a construção de uma argumentação coerente e coesa.

B) (8 PONTOS)

O nome próprio Severino é usado como adjetivo do substantivo “vida” para caracterizá-la como difícil, dura, árdua, miserável, severa. Também é válido assinalar que a vida Severina não é individualizada, é coletiva, pois atinge grande número de pessoas: os retirantes nordestinos, que como Severino, sofrem com a fome, a sede, a violência e o abandono. Para obter a totalidade da nota, é preciso que a resposta demonstre domínio da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa e dos mecanismos linguísticos necessários para a construção de uma argumentação coerente e coesa.

QUESTÃO 4

A) (12 PONTOS)

Espera-se que o candidato considere que a explicitação, requisitada no enunciado da questão, pressupõe **a indissociabilidade e a interdependência** entre o apontamento de uma figura de linguagem e de uma figura sonora/fonética, a justificação de tais escolhas por meio de fragmentos do poema e as análises dos sentidos oriundos dessas figuras.

Desse modo, ressaltam-se algumas possibilidades diante do poema de Leminski: a personificação da lua e de uma estrela ao longo de toda a composição poética, tendo em vista o caráter humano de certas ações e sentimentos atribuídos a elas, já que uma ida ao cinema coloca a lua como uma espectadora compadecida diante da jocosa constatação de que a protagonista da história assistida não possuía um namorado devido à sua pequenez, e cujo brilho, se apagado fosse, não geraria a comoção e/ou atenção de ninguém, como visto em “A lua foi ao cinema”, “a história de uma estrela/ que não tinha namorado” e “dessas que, quando apagam, / ninguém vai dizer, que pena!”; as metáforas do compadecimento e da solidão corporificadas na existência da lua e de uma estrela, respectivamente, sendo uma, sujeito que assiste com tristeza a gradativa e irremediável diminuição da outra, cuja existência e fulgor caberiam nos limites de uma janela, não se estendendo à imensidão da abóbada celeste e fadando-se à extinção, como visto em “A lua ficou tão triste / com aquela história de amor”, “e toda a luz que ela tinha / cabia numa janela”, “era uma estrela sozinha, / ninguém olhava para ela”; a apóstrofe localizada no último verso da composição “ — Amanheça,



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO - PROGRAD
DIRETORIA DE PROCESSOS SELETIVOS - DIRPS



por favor!” salienta o clamor da vinda do amanhecer, por meio da interrupção da voz direta do eu - lírico que cede à lua o espaço para a manifestação de sua perplexidade face a contingência da interrupção do sofrimento daquela estrela.

Quanto às figuras sonoras/fonéticas evidenciam-se: as rimas finais – e ricas devido aos pares serem oriundos de classes gramaticais distintas – que sugerem a existência de dois campos semânticos heterogêneos e complementares: o da lua, que assiste ao mal fadado espetáculo de um amor e que clama por um amanhecer, por uma redenção: “engraçado / namorado”, “triste / insiste” e “amor / favor” e o campo da estrela solitária e aparentemente imperceptível diante da imensidão de seu próprio firmamento: “pequena / pena”, “sozinha / tinha”, “ela / janela”; a assonância do fonema /a/ ao longo de todo o poema também pode corroborar a perspectiva de perplexidade e/ou surpresa diante da história assistida pela lua, já que a inexistência de um amor a ser correspondido suscitaria a tristeza e/ou a comoção do espectador que assiste e, por extensão, do espectador que lê o poema e tais sentimentos ganhariam forma ao serem representados pela repetitiva exclamação do fonema vocálico /a/.

Para obter a totalidade da nota, é preciso que a resposta demonstre domínio da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa e dos mecanismos linguísticos necessários para a construção de uma argumentação coerente e coesa. Palavras soltas e versos fora de contextualização argumentativa não serão considerados como respostas válidas.

B) (8 PONTOS)

Espera-se que o candidato considere a predominância da linguagem conotativa/figurada na composição do poema de Paulo Leminski, pois o texto, apropriando-se deliberadamente de um tom coloquial tende a subverter a pretensa simplicidade atribuída à temática de um amor que não encontra reciprocidade. Ao retirar dois elementos celestes de suas existências e espaços científicos pré-determinados – dotando-os de pensamento, ímpeto de ação e de sentimentos – Leminski oferta ao leitor uma primeira visão cuja tônica recai sobre a prosaica possibilidade de qualquer sujeito não encontrar reciprocidade no amor diante da vastidão do mundo, e ainda, nessa concretude, do sujeito apequenado se tornar matéria-prima para um roteiro de filme. Todavia, a simplicidade de uma ida ao cinema traz a profundidade de um segundo olhar, no qual reside o impacto poético de se aproximar e de se tornar íntimo da dor do outro, uma dor até então tão inacessível quanto a distância física do ser humano de qualquer corpo celeste. Assim sendo, revela-se a dor particular de uma estrela cujo brilho não atinge todo o firmamento e que sofre por ter a solidão como companheira e, ao mesmo tempo, testemunha-se o compadecimento da lua que apela ao céu pelo fim dessa dor, dessa solidão. Para obter a totalidade da nota, é preciso que a resposta demonstre domínio da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa e dos mecanismos linguísticos necessários para a construção de uma argumentação coerente e coesa.